

Taylor não tinha muita certeza se os enxames de insetos usavam os olhos para identificar inimigos. Os soldados sob seu comando eram veteranos de um regimento blindado de um mundo anteriormente invadido por demônios. Eram leais, confiáveis e de vontade inabalável. Taylor confiava neles, mas mesmo assim, aqueles insetos eram um problema. Quanto às fortificações, ele havia usado toda a sua experiência para construí-las. Para ser sincero, até um comandante de uma tropa de elite do Império teria dificuldade em encontrar falhas. De longe, as fortalezas pareciam apenas colinas irregulares ou picos rochosos — nada que indicasse uma presença militar. Agora, pelo telescópio, o enxame avançava como um pesadelo, negro e implacável. Era como se seus piores pesadelos estivessem se tornando realidade. Ele ordenou que as tropas parassem na segunda trincheira. Eles haviam acabado de atravessar uma longa vala de comunicação e precisavam de um momento para descansar. Enquanto isso, os soldados preparavam suas armas com movimentos precisos e habituais. Taylor espiou por cima do parapeto, como um hamster assustado. Claro, ele era muito mais perigoso — e maior — que um hamster, mas isso não significava que tivesse coragem suficiente para enfrentar uma ameaça daquele tamanho. Os insetos se aproximavam. Ele viu os bonecos de lata e cartuchos que havia feito balançarem levemente, agitados por vibrações anormais. Ao longe, a escuridão do enxame se aproximava cada vez mais. Taylor queria pedir reforços, mas aquela seção da trincheira só tinha sua companhia — e o olhar preocupado do comandante, que parecia tão assustado quanto ele. Além disso, mais da metade dos sistemas de comunicação da Guarda Imperial estavam inoperantes, justamente os mais eficientes. O medo começou a tomar conta dele. Ele devia estar louco por pensar que poderia lidar com aquilo. Mas agora, não havia volta. Respirou fundo, tentando conter a ansiedade que o consumia, e murmurou para si mesmo: — Pode ser pior que um Titã? Você já lutou contra eles antes... uma, duas vezes... mais ou menos. — Mais ou menos. — A última frase saiu em um sussurro, mas era a pura verdade. Ele não sabia por quanto tempo sua sorte duraria. Talvez um dia o Imperador o recolhesse, como havia feito com aquele velho chefe ork. Você podia vencer a vida inteira, mas bastava uma derrota para tudo acabar. Sim, acabar! Ele sentiu saudade de um bom ensopado feito no fogão. Hoje, só tinha comido alguns biscoitos frios e aquele maldito bloco de amido. Rapidamente, ordenou o contra-ataque. Os disparos de laser e balas da Guarda Imperial caíram sobre os inimigos como chuva. À primeira vista, o efeito era mínimo — e realmente era. Aqueles insetos eram especialistas em lidar com infantaria leve. A evolução de seus exoesqueletos de quitina os tornara mais lentos. Para um Astartes, isso seria fatal — uma espada-motosserra não se importava com um pouco de resistência a mais. Mas, para a Guarda Imperial, significava que 40% dos ataques seriam inúteis. Era uma estratégia cruel, e Taylor não tinha como contorná-la. Então, ordenou que a linha recuasse, cedendo o precioso solo estratégico do Império àqueles alienígenas vorazes. Pediu ao porta-estandarte que enviasse o sinal para a retaguarda. Logo depois, uma série de fogos de sinalização se acenderam, e uma tempestade de artilharia começou a cair. Os canhões das fortalezas de guerra disparavam como chuva, abrindo crateras profundas no solo marrom — cada uma delas agora o túmulo de várias bestas. O resultado foi surpreendentemente bom. Eles haviam ficado lentos demais para desviar dos disparos. Pelo Imperador, Taylor quase agradeceu. Pelo menos o céu não estava totalmente fechado, não é? Enquanto aquele trem de guerra estivesse operacional, a vitória pertenceria aos humanos. O Imperador daria o troco àqueles monstros! Taylor quase se deixou levar pelo otimismo — até que os disparos pararam subitamente. As bestas avançaram. Ele soprou o corno com urgência, ordenando que os bunkers ocultos abrissem fogo com projéteis explosivos e balas pesadas. Vários bunkers de concreto emergiram de todos os lados, lançando uma chuva de projéteis incandescentes contra os inimigos. Por um momento, formaram uma rede de fogo cruzado com as forças da Guarda Imperial. Mas Taylor sabia que aqueles bunkers seriam esmagados pelas bestas de guerra. Os soldados dentro deles morreriam. Ele não queria usar esse recurso, mas agora não tinha escolha. A menos que recebessem reforços. Pouco depois, um mensageiro chegou correndo. Taylor olhou para o jovem — provavelmente promovido às pressas — e perguntou: — O que houve? O rapaz respondeu, as palavras saindo entre os dentes cerrados: — Dentro da fortaleza... há Lictors. Nós fomos... infiltrados! A frieza daquelas palavras deixou Taylor gelado. Enquanto as bestas de guerra se

aproximavam das fortalezas, hordas de genestealers avançavam pelas trincheiras da Guarda Imperial. No céu, as gargantas sussurrantes se aglomeravam como abutres prontos para devorá-los. Pela primeira vez, Taylor percebeu claramente: sua sorte havia acabado. Ele suspirou e começou a pensar em que material escrever sua última mensagem, para que suas palavras sobrevivessem. Primeiro, veio a questão de como distribuir seus bens. Por exemplo, ele doaria 10% ao Império. Os outros 60% iriam para uma dama do mundo feudal de cavaleiros, Iliana — principalmente seu título e castelo. Ela deveria voltar para casa. Se continuasse como uma Espada Livre, mesmo que sobrevivesse até a velhice, talvez não tivesse um lugar para retornar. Talvez ele estivesse sendo presunçoso. Seus parentes no mundo-colmeia certamente não iriam até aquele mundo feudal. O resto eram thrones. A maior parte de suas economias estava depositada nos bancos padrão do Império. Ele havia feito vários investimentos e devia ter uma quantia razoável. Se o Império recuperasse seus pertences, talvez parte deles fosse preservada. Mas havia coisas que Taylor preferia destruir. Quanto às armas e equipamentos, ele os doaria ao Regimento de Infantaria de Scadia. Não era presunção da sua parte — aquelas coisas praticamente eram relíquias sagradas. Com assinaturas psíquicas e tudo! Ele sorriu amargamente. Sabia que o tirano o odiava tanto que nem um pedaço de pano seria deixado para trás... Com um último suspiro, ordenou: — Preparem as baionetas! Combate corpo a corpo! — Antes de morrerem, vamos arrancar pelo menos duas pernas daqueles insetos! Para que o resto do Império possa limpar essa praga! Os jovens da turma 15 ficaram boquiabertos com suas palavras. A garota Rattling esticou a mão e acariciou a cabeça dele, como se suspeitasse que ele tivesse pego algum vírus alienígena. — Chefe, você não devia estar gritando pra recuarmos? — perguntou alguém. Tyler deu uma risada amarga. — Recuar pra onde? A pergunta fazia sentido. Ele decidiu não ligar mais. Pela primeira vez, Tyler sacou sua arma e ficou ao lado dos soldados, esperando a primeira leva de insetos que se aproximava. Uma massa negra de inimigos surgiu no horizonte. O barulho das metralhadoras cessou. Os primeiros a atacar foram os gîdãochóng — insetos-lâmina. Tyler cortou dois deles com movimentos rápidos e chutou um wùshichóng que tentava escalar o blindado Frankstein. A Rattling atirou precisamente na cabeça da criatura, liquidando-a na hora. A ação de Tyler levantou o moral da tropa. As baionetas começaram a fazer estrago, mas a trincheira só tinha dez mil soldados — impossível enfrentar centenas de milhares de insetos. A menos que cada um matasse mais de dez. Tyler sabia que no máximo ele eliminaria seis. E isso sem contar os wùshichóng de elite e os guardiões — criaturas tão altas quanto humanos, capazes de matar dez soldados experientes cada uma. Logo a linha de frente começou a ceder. Quando os insetos estavam prestes a submergir as posições, Tyler quase perdeu as esperanças. Pisou na cabeça de um gîdãochóng e explodiu outro com sua pistola laser, mas os inimigos pareciam infinitos. E então, um rugido ensurdecedor ecoou ao longe. Veículos orks e um caminhão gigante surgiram em alta velocidade, vindo de uma área que supostamente já havia caído. Um warlord bradava por vingança, com marcas de sutura estranhas na cintura — uma carapaça quitinosa que claramente usava partes de insetos como material! Tyler não acreditou no que viu: era o Boss Goff. Ele devia estar morto! Mas ali estava, mais animado do que nunca. Os orks arrombaram o cerco dos insetos enquanto Tyler abria o crânio de um wùshichóng com sua lâmina likator. Vendo seus dois líderes juntos, os orks soltaram um grito que ecoou por todo o campo de batalha:— WAAAAAAGH! Capítulo 139: O Warlord Renascido Era possível? Teoricamente, quando a coluna vertebral de um vertebrado é destruída, nem a mais avançada tecnologia consegue recompor o corpo perfeitamente — muito menos em poucas horas. Mas a realidade mostrava algo diferente: a carapaça dos insetos, com sua plasticidade, havia se fundido com as células orks. Graças a um mad dok corajoso, habilidoso e criativo, o warlord renascera. Ao recuperar a consciência, sua primeira reação foi raiva. Ele esmagou os insetos que devoravam cadáveres orks no campo. Seu esqueleto robusto e seu sistema nervoso único — semelhante ao de plantas — liberaram adrenalina e hormônios estimulados pela fúria e pela devoção dos outros orks. O campo WAAAGH! acelerou a regeneração de seus ferimentos. Era assim que os orks funcionavam — as criaturas mais loucas e únicas da galáxia. Tyler sentiu-se um idiota. Como pôde achar que um ork morreria tão fácil? Para eles, a morte só vem quando Gork e Mork decidem. Envergonhado por ter sentido pena do warlord,

Tyler descontou sua frustração nos insetos. Ao decaptiar um wǔshìchóng, percebeu o risco que corria. Isso não era prudente! Rapidamente, voltou para perto do Frankstein e traçou um plano para limpar os invasores da trincheira. Entregou sua arma de plasma para a Rattling, a melhor atiradora do pelotão. Enquanto o veículo avançava, ela abatia os wǔshìchóng com tiros precisos. Tyler, Roland e os outros formaram um perímetro seguro na trincheira, expandindo-o aos poucos. Logo, recuperaram grande parte do terreno. O chão estava coberto de cadáveres — tanto de soldados leais quanto de insetos —, mas os homens ainda se aglomeravam ao redor de Tyler, como se sua presença garantisse a vitória. Ele queria discordar, mas limitou-se a sorrir — aquele sorriso marcante que aprendera com o velho Tycus —, tentando manter viva a esperança deles. Mesmo que fosse falsa. Tudo corria bem até que um genestealer sorrateiro surgiu das sombras, tentando assassinar Tyler. Por reflexo, ele sacou sua confiável lâmina likator. Sua experiência em combate e seu treinamento na Guarda Planetária falaram mais alto. A lâmina cortou a carapaça quitinosa como se fosse porcelana. O som foi cristalino. Quando o cadáver do genestealer caiu no chão, os soldados explodiram em comemoração. Agora, estavam certos: a vitória era inevitável com Tyler no comando. Pressionado pela "confiança" dos outros, ele organizou um contra-ataque. O setor norte era o mais fraco da defesa imperial — daí o ataque. Os relatos indicavam que todo o acampamento estava sob ataque, com muitas companhias lutando por sobrevivência. A ausência dos Tubarões Devoradores e dos Filhos do Imperador mostrava a gravidade da situação. Matar o tiranossauro poderia ser a solução? Talvez. As defesas pareciam fracas porque os orks — que obedeciam a Tyler — tinham reduzido o contingente humano. Além disso, os orks eram imprevisíveis, aparecendo até de debaixo de pedras quando uma briga começava. Isso, ironicamente, causara muitas baixas aos insetos. Tyus sabia bem o que fazia. Tudo estava indo conforme o plano dele. O capítulo reescrito: Era como convidar alguém a entrar numa armadilha — por isso ele agiu com tanta frieza quando Taylor pediu ajuda. Esse sujeito era difícil de definir. Na maioria das vezes, tratava Taylor como um filho, mas no campo de batalha, agia como se o considerasse descartável. Diante desse "afeto especial", Taylor obviamente não via graça nenhuma. Encarou a situação com dor e frieza, mas vez após vez provou que o velho Tecaís não estava errado em seu julgamento. Claro, se o critério fosse escolher um soldado padrão da Guarda Imperial, o velho também não tinha lá um bom olho para isso. [Nota: Adaptei "Tyrael" para "Taylor" e "Tychus" para "Tecaís" seguindo fonética brasileira, mantive a estrutura de pensamento irônica do original, usei termos como "sujeito" e "velho" para naturalizar no PB, e simplifiquei a descrição sem perder o contraste emocional entre proteção paternal e frieza estratégica]

<http://portnovel.com/book/29/5021>